

306 - ESTUDO DE CASO: PERSPECTIVAS DE SUSTENTABILIDADE DE UMA COMUNIDADE INDÍGENA MBYÁ GUARANI NO RIO GRANDE DO SUL, MATA ATLÂNTICA, BRASIL

Agda Regina Yatsuda Ikuta¹; Ingrid Bergman Inchausti de Barros².

RESUMO

Os Mbyá Guarani são tradicionalmente horticultores, se consideram habitantes de matas, caracterizando uma relação intrínseca de respeito, admiração, como integrantes da natureza imbricada numa relação mítico-religiosa. O objetivo deste trabalho foi o de caracterizar a sustentabilidade dos Mbyá no Rio Grande do Sul, enfocando a sua relação com a natureza. Procurou-se levantar as espécies vegetais mais importantes, seu uso e manejo, avaliando o papel destes na sua auto-suficiência. O estudo de caso foi realizado através de pesquisa exploratória, com observação participante e entrevistas informais na Terra Indígena da Varzinha, Mata Atlântica no litoral norte do RS, Brasil, área devoluta do processo de colonização, extremamente acidentada com condições edafo-climáticas pouco apropriadas para agricultura tradicional de coivara. Um aspecto essencial é a concepção singular de agricultura para os Mbyá, pois não está relacionado simplesmente com a subsistência alimentar, é entremeada com esferas religiosas, sociais e políticas. Algumas plantas tradicionais como o avati (*Zea mays*) utilizado no ritual do batismo e o pindo (*Syagrus romanzoffiana*) vinculado à territorialidade Guarani são exemplos desta relação mítico-religiosa. Foram observadas cerca de 40 espécies para fins de alimentação, artesanato e medicinal. Segundo alguns Mbyá na Varzinha são escassas espécies vegetais tradicionais, caça e pesca, elementos essenciais para o modo de viver Guarani. As principais fontes de recursos econômicos eram provenientes do extrativismo da samambaia ornamental (*Rumohra adiantiformis*), confecção e comercialização de artesanatos, e pela prestação de serviços em propriedades agrícolas da região, dificultando assim, a sustentabilidade tradicional dos Mbyá Guarani nesta área.

PALAVRAS-CHAVE: Guarani, agricultura tradicional indígena, sustentabilidade, RS.

INTRODUÇÃO

Os sistemas agrícolas tradicionais surgiram no decorrer de séculos de evolução biológica e cultural, representando as experiências acumuladas por agricultores interagindo com o meio ambiente sem acesso a insumos externos, capital ou conhecimento científico. Os povos tradicionais têm preservado a biodiversidade, pois muitas vezes mantêm áreas cobertas por florestas, arroios, banhados, etc em áreas subjacentes aos seus campos de cultivos, suprindo-se de alimentos, materiais de construção, medicinais, combustíveis, artigos religiosos (Altieri, 1998).

Os Guarani são exemplos de agricultores tradicionais, horticultores seculares de florestas tropicais, que têm como forma de subsistência a roça, a coleta, a pesca e a

¹ Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado (SAA). Av. Bispo João Scalabrini, 55 apto 401 CEP 91225-120, Porto Alegre/RS, agdaikuta@uol.com.br;

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Faculdade de Agronomia. Av. Bento Gonçalves, 7712 CEP 91540-000, Porto Alegre/RS

caça. Este povo tem se movimentado por todo seu território há séculos, abrangendo Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia (Vietta, 1992).

O processo de vários séculos de pressão interétnica, desterritorialização e epidemias praticamente conduziram os Guarani à dizimação. O desafio que recai para as populações indígenas é a sua própria sobrevivência, buscando a manutenção de sua autonomia e ao mesmo tempo procurando um distanciamento da sociedade envolvente para que possam manter o seu modo autêntico de ser e viver Guarani.

MATERIAL E MÉTODOS

A proposta metodológica qualitativa utilizada foi um estudo de caso, em vista de não se ter até meados do ano de 2000, trabalho disponível publicado em área agrônoma sobre agricultura indígena Guarani no Rio Grande do Sul. As questões norteadoras para a condução deste estudo foram: organização hierárquica e social, divisão de trabalho, questão de gênero; breve história de vida das famílias nucleares: locais anteriores de moradia, tipo de atividades econômicas realizadas; agroecossistema disponível: espécies vegetais cultivadas, manejadas e utilizadas; importância da agricultura e relação da natureza como um todo.

Para se entender a agricultura e sua inserção em uma comunidade indígena Guarani atual, foi necessário buscar subsídios em diferentes campos do conhecimento. Utilizou-se como base a etnociência, que é um campo do conhecimento que abrange áreas como: lingüística, antropologia, epistemologia, mitologia, cosmologia, teologia, biologia, meteorologia, matemática, agronomia, dentre muitas outras (Etnobotânica, 2000). Este estudo de caso iniciou-se com os moldes da pesquisa exploratória, utilizando a observação propriamente dita, a observação participante, entrevistas informais para integração entre pesquisadora e comunidade Mbyá Guarani para a coleta de dados, em especial da Terra Indígena da Varzinha, município de Caraá/RS, 795 ha, perímetro de 15 Km, Coordenada do Extremo Norte 29° 42' 08" S e 50° 13' 59" W Gr.

A apresentação da proposta do estudo foi realizada em reunião do Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI) em 10/05/00 às lideranças indígenas representantes Guarani. Após a aceitação do estudo pelas lideranças e integrantes da comunidade da Varzinha foram realizadas 20 idas a campo para coleta de dados, em períodos de 01 a 05 dias seguidos, geralmente mensalmente, totalizando 36 dias no decorrer de 23 meses, de 08 de julho de 2000 a 29 de maio de 2002. Intercalando com leituras, conversas com indigenistas e antropólogos, reuniões técnicas, participação de

seminários e visitas a outras 13 áreas indígenas e acampamentos Guarani no RS: Passo Feio, município de Planalto/RS; Salto do Jacuí, mesmo município; Fonte Jesuítica em São Miguel das Missões/RS; Coxilha da Cruz, município de Barra do Ribeiro/RS; **Yrapuá**, município de Caçapava do Sul/RS; Água Grande e Pacheca, município de Camaquã/RS; Granja Vargas, município de Palmares do Sul/RS; Petim, Passo Grande, Passo da Estância, município de Barra do Ribeiro/RS; Cantagalo e Estiva, município de Viamão/RS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os “brancos” há dificuldade de compreensão de que para os Guarani a agricultura não está relacionada simplesmente com a subsistência alimentar, enquanto produto alimentar, pois dentro da tradição Guarani há a crença de uma terra ideal com “vida e alma” feita pelo “Primeiro Pai” para ser cuidado por este povo. Para os Guarani o que é criado pela natureza ou produzido na roça é para ser consumido e não para ser comercializado (Vieta, 1992). A noção de acúmulo de bens é terminantemente refutada pelos Guarani, assim como a aplicação de insumos externos na roça, como adubo químico, oriundo da cultura do “branco”.

A agricultura Guarani atualmente tem sido praticada de diferentes formas e intensidade, dependendo da disponibilidade de terras, das condições edafo-climáticas, histórias de vida e aptidão individual, material de propagação em quantidade e qualidade, grau de relação de dependência estabelecida junto aos órgãos e instituições envolvidas com a questão indígena. Os produtos agrícolas provenientes das áreas ocupadas pelas comunidades Guarani no geral são insuficientes para a sustentabilidade de suas famílias.

Na Terra Indígena da Varzinha, segundo a liderança religiosa e política da época, a mata era desprovida de espécies tradicionais, ao alegar “*esse mato é mui pobre*”, além de limitada para a caça e pesca. A agricultura de coivara era a forma tradicional praticada, porém, os insucessos na produção agrícola em algumas safras anteriores desestimularam a continuidade da prática agrícola por alguns grupos desta comunidade. Verificou-se que as principais fontes de recursos que permitiam a subsistência destes Mbyá eram provenientes do extrativismo da samambaia ornamental *Rumohra adiantiformis*, confecção e comercialização de artesanatos (balaios e esculturas antropozoomórficas), e pela prestação de serviços em propriedades agrícolas da região. Os dados indicam que no período observado, a Terra Indígena da Varzinha não estava propiciando que a maioria das famílias da aldeia se auto-sustentassem dentro dos modos de ser Guarani.

CONCLUSÕES

Atualmente no Estado do Rio Grande do Sul com paisagens rurais cada vez mais antropizadas restaram poucos espaços disponíveis e adequados para o povo Guarani. O processo de demarcação das áreas tem sido muito aquém do necessário, ou em terras impróprias, comprometendo a sustentabilidade do sistema tradicional Guarani, acarretando desestruturação social e grande grau de subnutrição em algumas comunidades.

Como conseqüência desse processo têm ocorrido perdas de germoplasma vegetal (espécies e variedades tradicionais), de práticas agrícolas e de um provável manejo do ambiente outrora existente. Dentro desta perspectiva, sabe-se que a manutenção dos **Mbyá** está diretamente vinculada à própria conservação da natureza, em espaços adequados, viabilizando a manutenção de suas aprendizagens em suas áreas.

Urgem processos que envolvam parcerias efetivas, pesquisas e uso de estratégias dedicadas ao entendimento das diversas percepções culturais existentes sobre a relação homem-natureza para que possam viabilizar a sustentabilidade dos **Mbyá** nos espaços disponíveis e em busca de novas áreas mais sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998. 110 p.

ETNOBOTÂNICA. Disponível na Internet. <http://www.Geocities.com/CollegePark/Library/6314/Getnoc.htm> em 19 mar. 2.000.

VIETTA, K. **Mbyá: Guarani de verdade**. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.